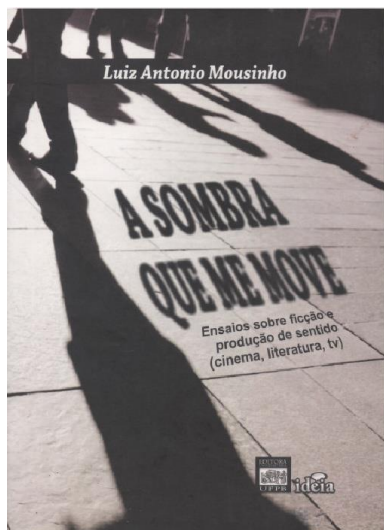




A Sombra que me Move:
ensaios sobre ficção e produção de sentido

Marcia Tiemy Morita Kawamoto¹



Resenha

MOUSINHO, Luiz Antonio. *A Sombra que me Move: ensaios sobre ficção e produção de sentido (cinema, literatura, tv)*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 20012.

¹ Marcia Tiemy Morita Kawamoto é graduada em Letras Português e Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (2009), tem mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2012). Atualmente é doutoranda em Letras/Inglês e Literatura Correspondente pela UFSC e pesquisadora visitante na University of St. Andrews. Suas publicações incluem a co-autoria (com Anelise Corseuil) do capítulo “Adaptações Nostálgicas: Os Sonhadores, uma visão pós-moderna dos anos 60”.

e-mail: marcia.tiemy@gmail.com

A produção audiovisual brasileira tem se mostrado muito além dos padrões arcaicos e estereotipados, tão comentados e conhecidos, sobre a televisão brasileira. De fato, minisséries e filmes como *Cidade dos Homens* (2002), *Madame Satã* (2002), *A Casa das Sete Mulheres* (2003), *Carandiru, Outras Histórias* (2005), *Hoje Eu Não Quero Voltar Sozinho* (2010), *Corações Sujos* (2011) parecem desafiar essa visão oxidada de uma produção nacional infértil, repetitiva ou desinteressante, e emergem como um sopro de alívio no cotidiano televisivo ao apresentarem novas perspectivas temáticas e audiovisuais ao espectador. Por outro lado, essas criações nacionais não têm gerado a devida atenção que merecem no contexto acadêmico.

Em *A Sombra que me Move: ensaios sobre ficção e produção de sentido (cinema, literatura, TV)*, o pesquisador Luiz Antonio Mousinho investiga alguns exemplos marcantes dessa produção audiovisual brasileira, ao propor que a televisão e o cinema brasileiro também são espaços para lirismo, crítica e inovação. Apesar de não ser formalmente dividido, o livro apresenta um primeiro bloco de capítulos focados na produção audiovisual brasileira, em que a escrita convidativa e fluida de Mousinho analisa *Cidade dos Homens*, *Cena Aberta*, *Meu Tio Matou Um Cara*, *Houve Uma Vez Dois Verões*, além de curtas-metragens.

O restante do livro é composto por análises com temas variados, sobre literatura internacional e nacional, como os textos de Clarice Lispector, e filmes internacionais, como *O Plano Perfeito* de Spike Lee. Ao todo, a obra é composta por dezesseis ensaios. É preciso lembrar que o livro de Mousinho é composto de textos, ou capítulos, que podem ser lidos independentemente. De fato, por vezes as temáticas e reflexões se repetem. Isso porque, como explica o próprio autor em uma advertência introdutória. “há um fio teórico comum” no livro, que é reiterado em cada nova análise, justamente o que possibilita a leitura dos capítulos de forma autônoma. No entanto, o leitor ganha ao respeitar a encadeação desses, uma vez que a organização dos textos tem uma progressão na construção de sentido.

Como um todo, a obra apresenta um conjunto de artigos, no qual Mousinho investiga uma vasta gama de produções audiovisuais, cinema e televisão, além de textos literários. Como menciona Suzi Frankl Sperber no prefácio do livro, dois aspectos principais se destacam. O primeiro ponto de relevância tocado por

Mousinho é a questão da voz narrativa, suas variações e efeitos. O segundo aspecto é mais complexo e se desdobra na delicadeza com que o autor trata de temas de cunho social, como encontros e conflitos culturais, ou desigualdade social, especialmente no contexto brasileiro. Acima de tudo, o autor demonstra como o conflito interno dos personagens, que muitas vezes se reflete em uma linguagem particular na voz narrativa, integra um contexto mais abrangente e se torna espelho deste, ao lembrar de Bakhtin, e ao revelar que “toda subjetividade é intersubjetividade” (p. 95). Ou seja, toda reflexão interior, por mais íntima e particular que possa parecer, é também compartilhada ou faz parte de um imaginário coletivo.

Os ensaios de Mousinho são primeiramente informativos com descrições detalhadas sobre os aspectos formais dos textos analisados. Deste modo, todos os ensaios apresentam referências claras e explicações objetivas sobre os textos em destaque, sejam eles fílmicos, televisivos ou literários, o que é trazido à superfície não só pelo amplo conhecimento de Mousinho, mas pelo seu evidente entusiasmo e interesse pelas obras. No entanto, os ensaios não se limitam a uma perspectiva enciclopédica ou enumerativa, mas, de fato, fazem uso dessas informações minuciosas para apresentar suas análises com clara preocupação social que, como enfatiza Sperber, “Este problema [o comprometimento da liberdade e cidadania das pessoas pela exploração e opressão sociais] percorre os diferentes artigos, explicitamente ou não” (p. 20).

Em um de seus ensaios mais marcantes, “A verdade entrevista: a cena aberta de Jorge Furtado, Guel Arraes e Regina Casé”, Mousinho esclarece como o programa *Cena Aberta*, que é composto por trechos ensaiados de obras de Clarice Lispector e falas espontâneas de atores não profissionais, compõe um falso *making off* (79). A adaptação de *A Hora da Estrela* no programa constrói não só uma Macabéa, personagem principal do romance de Lispector, mas muitas candidatas a Macabéa. O programa é organizado em falsas entrevistas dessas Macabéias, o que faz com que “transita(e) entre o telejornalismo, o cinema documentário e o registro ficcional” (p. 81), e que acaba por se desdobrar nas “várias formas de fazer jornalístico e dos formatos televisivos” (p. 94). Além desse aspecto formal, o ensaio também foca na forma como “nas entrevistas, há

predominância do fazer falar o elemento socialmente silenciado” (p. 87), ou seja, ao criar não uma, mais muitas Macabéias, e ao misturar diferentes discursos midiáticos, o programa evidencia que Macabéa não é só ficcional, não é única, mas integra um problema social compartilhado por muitas. Neste sentido, Mousinho esclarece que “*Cena Aberta* promove um diálogo com textos literários oitocentistas e do século XX, sugerindo a ativação de uma tradição fundada num imaginário coletivo compartilhado” (p. 95).

De acordo com o autor, o formato um tanto quanto fragmentado da adaptação de *A Hora da Estrela* em *Cena Aberta* desconstrói a forma de representação clássica da mimese. No entanto, esse formato surge como possibilidade ficcional viável para o público contemporâneo, ou seja “não aponta para uma crise nas maneiras de representar” como o romance de Lispector. Isso porque, como explica Silviano Santiago, “[o] narrador pós-moderno sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem” (SANTIAGO apud MOUSINHO, p. 92). Deste modo, o espectador já não busca ver a “verdade”, mas sim, entender os muitos lados dessa verdade, que são desvendados pelas múltiplas narrativas do programa. O que leva Mousinho a concluir que programas como *Cena Aberta* “se postam em patamar diverso da média de ficção televisiva” (35).

Não obstante, o autor não perde a importância da dimensão formal dos programas analisados. Em dois de seus ensaios sobre a produção audiovisual brasileira, “*Tem que ser agora: focalização e dialogismo no seriado Cidade dos homens*” e “*Nem pensar a gente quer, a gente quer é viver – focalização e dialogismo em Houve uma vez dois verões*”, Mousinho discute focalização, como mostram os títulos, utilizando principalmente o embase teórico de Gérard Genette, ao analisar a relevância do ponto de vista para a construção da narrativa. Um exemplo é como no episódio *Uólace e João Victor* do seriado *Cidade dos Homens* “a alternância da visão dos narradores-focalizadores inscreve na própria estrutura da obra a diferença – e os possíveis pontos de contato” (p. 65), o que salienta as diferenças e semelhanças que compõem o cenário urbano brasileiro. Ou seja, é por meio da focalização múltipla, das vozes que se cruzam no texto audiovisual, que o espectador compreende a complexidade dos conflitos sociais apresentados. O menino de rua Uólace acha que João Victor, pertencente a uma classe média

baixa, pode comprar tudo o que quer, enquanto na verdade sua mãe e ele passam por grandes dificuldades financeiras. Já o segundo, acredita que Uólace consegue tudo o que quer roubando, o que também não condiz com a realidade (p. 55). Por isso, lembro que Mousinho extrapola o aspecto formal da focalização, ao analisar os efeitos deste sobre a questão social presente em *Cidade dos homens* e *Houve uma vez dois verões*, além de outros textos analisados em seu livro. O elemento social não é entendido como externo ao texto, mas parte integrante da obra, como explica Antonio Candido e Robert Stam (p. 66).

Ao analisar essas produções audiovisuais brasileiras, Mousinho é capaz de entender as sutilezas e sofisticações dos textos, uma vez que evidencia como estes criam um bom mal-estar. Essas narrativas “se recusam a desenhar uma falsa redenção” (p. 48), ou a apresentar finais que, apesar de felizes, são esvaziados de sentido, gerando uma reflexão que incomoda, mas que é necessária sobre o contexto social brasileiro.

O desdobramento analítico de Mousinho mantém a preocupação política e social, mesmo quando muda o foco de sua investigação para além do contexto brasileiro. Sua visão sobre *O Jardineiro Fiel* supera o óbvio, ao envolver sua interpretação em torno do personagem Justin, o jardineiro e personagem principal, e revelar uma leitura tão ambígua quanto o próprio filme busca construir. Em vista de que a narrativa fragmentada desse filme contribui para o suspense e para as incertezas em torno de Tessa, esposa de Justin que, apesar de não ser fiel, parece tentar protegê-lo em vários momentos.

O título da obra de Mousinho se origina de um trecho da música “Galope rasante” de Zé Ramalho, “a sombra que me move, também me ilumina” (p. 117). Esse trecho ressalta que “o que haja para ser construído, no plano individual e coletivo, deve sê-lo necessariamente contra a tradição e a partir dela” (p.117). É nesse sentido que Mousinho interpreta *O Plano Perfeito* de Spike Lee e alguns curtas-metragens da Casa de cinema de Porto Alegre, dentre esses *Ilha das Flores* e *Esta Não é a Sua Vida*. O primeiro desafia o modelo estético clássico, ao mesmo tempo em que se constrói a partir e nos moldes desse. Mousinho explica que “*O Plano Perfeito* dialoga com e se inscreve no cinema dominante, situando o espectador num ambiente narrativamente familiar, mas ao mesmo tempo parece

capaz de injetar ruídos positivos nesse circuito, desautomatizando o que há de esclerosado na linguagem do cinema padrão” (p. 138). De modo semelhante, o narrador de *Ilha das Flores* traz uma série de afirmações lógicas, que aos poucos contrastam com as imagens apresentadas e, por isso, “vão desentranhando o elemento social recalcado; desnaturalizando seus contornos, mostrando a perversidade de uma lógica onde o ser humano está em último lugar na ordem de prioridades” (p. 110-1).

Sobre os textos literários analisados por Mousinho, destaco a leitura do conto “A Menor Mulher Do Mundo” de *Laços de Família* de Clarice Lispector e a novela *A Metamorfose* de Franz Kafka. Ambas análises focam na questão do estranhamento diante do diferente. No conto, temos o culturalmente diferente, que produz estranheza e epifanias nos personagens. Já na novela, o diferente se insere no fantástico, em como Gregor Samsa um dia se levanta e não é mais um ser humano, mas uma barata. Esses estranhamentos revelam a angústia diante do inesperado. No conto, transmite-se “[a] impossibilidade de racionalizar o não classificável” (p. 150), que põe em evidência a relação com o outro e a necessidade de integração e assimilação deste. Esta última é repetida no alívio sentido pela família com a morte de Gregor na novela, que mostra como o inesperado “tem o efeito de fazer enxergar o que se perdia na rotina da família” (p. 217-8).

A Sombra que me Move constitui um relevante apanhado crítico da produção acadêmica de Luis Antonio Mousinho, principalmente nas partes em que discute a produção audiovisual brasileira e contemporânea, além de apresentar ensaios interessantes com argumentos originais sobre diferentes aspectos de ficções literárias e fílmicas. Por sua abrangência teórica e aprofundamento analítico, a publicação é uma ferramenta eficaz e exemplar para o estudo de ficção em geral.

Lista de Referências

AÏNOUZ, K. direção. *Madame Satã*. [Filme] Produção de Isabel Diegues, Marc Beauchamps, Maurício Ramos, Vincent Maraval, Walter Salles. Brasil, 2002. 105 min.

AMORIM, Vicente direção. *Corações Sujos*. [Filme] Produção de João Daniel Tikhomiroff e Michel Tikhomiroff. Mixer, 2012. 90 min.

CARVALHO, Walter; BABENCO, Hector; GERVITZ, Roberto; FARIA, Marcia direção. *Carandiru, Outras Histórias*. [Série] Produção de Walter Carvalho. Rio de Janeiro, Rede Globo, 2005. 30min.

FURTADO, Jorge; ARRAES, Guel; CASÉ, Regina direção. *Cena Aberta*. [Programa de televisão] Rede Globo e Casa de Cinema de Porto Alegre, Rio de Janeiro, 2003. 25-40 min.

FURTADO, Jorge direção. *Esta Não é a Sua Vida*. [Curta] Produção de _____, Casa de Cinema de Porto Alegre, 1991. 16 min.

_____ direção. *Houve Uma Vez Dois Verões*. [Filme] Produção de Luciana Tomasi, Casa de Cinema de Porto Alegre, 2002. 75 min.

_____ direção. *Meu Tio Matou Um Cara*. [Filme] Produção de Guel Arraes, Fox Filmes, Rio de Janeiro, 2004. 87 min.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LEE, Spike direção. *Plano Perfeito*. [Filme] Produção de Brian Grazer, Imagine Entertainment e Universal Pictures, 2006. 130min.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

_____. *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MEIRELLES, F.; LUND, K. direção. *Cidade dos Homens*. [Série] Produção de Darlan Cunha e Douglas Silva. Rio de Janeiro, Rede Globo, 2002. 30 min.

MEIRELLES, Fernando direção. *O Jardineiro Fiel*. Produção de Focus Features, Universal Pictures do Brasil, 2005. 128 min.

MONJARDIM, Jayme direção. *A Casa das Sete Mulheres*. [Telenovela] Produção de Jayme Monjardim. Rio Grande do Sul, Rede Globo, 2003. 40-45 min.

RIBEIRO, Daniel direção. *Hoje Eu Não Quero Voltar Sozinho*. [Filme] Produção de Diana Almeida. Vitrine Filmes, 2013. 96 min.

Submetido em 21 de maio de 2014 | Aceito em 13 de junho de 2014